

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Jaqueline Ferreira da Costa

Entrevistado: Carlos Henrique Aparecido da Costa

São Paulo, 09 de maio de 2025

Duração: 30 minutos

Local de realização: Sede do Ali:leste Cidade Tiradentes, São Paulo-SP

ENTREVISTA COM CARLOS HENRIQUE APARECIDO DA COSTA

Jaqueline: Bom, pra começar a gravação, eu queria que o senhor falasse seu nome completo, a data de hoje. Hoje é dia 9, né? Ai, acho que é isso. Aí fala a data de hoje, hoje é dia 9. Vou conferir. Isso, hoje é sexta-feira, 9 de maio, 9 de maio? Isso, 9 de maio de 2025. Então fala seu nome completo, fala que hoje é dia 9 de março de 2005 e que o senhor autoriza essa gravação e a publicação dessa entrevista.

Carlos: o meu nome é Carlos Henrique Aparecido da Costa, hoje dia 9 de maio de 2025, autorizo essa publicação.

Jaqueline: E essa gravação.

Carlos: E essa gravação

Jaqueline: Falar de novo para ficar mais completo, eu autorizo essa gravação.

Carlos: Eu autorizo essa gravação e a publicação.

Jaqueline: Bom, a minha primeira pergunta é querendo buscar lá no passado, assim, onde que o senhor nasceu, conta sobre o seu nascimento.

Carlos: Eu nasci aqui em Guainazes mesmo, em São Paulo, mais precisamente em São Miguel, no Hospital de São Miguel Paulista, ali perto da Praça do Forró, ali em São Miguel Paulista.

Jaqueline: E o senhor lendo tem memórias da sua primeira casa, onde o senhor morou?

Carlos: Vagas memórias, né? Quando eu tinha mais ou menos seis anos, eu morava ali na Vila Chabilândia. Na Vila Chabilândia, eu lembro quando eu morava ali na Chabilândia, em Guaianazes.

Jaqueline: O senhor lembra como é a estética da sua casa?

Carlos: Eu lembro sim, era uma casa simples, era uma casa de quatro cômodos, de telha, e quatro cômodos, e tinha um quintal, né, um quintal e portão para a rua, para fora. Era uma casa simples, de quatro cômodos, e uma lavanderiazinha, assim, banheiro, e eu lembro vagamente dessa casa.

Jaqueline: O senhor morou nessa casa, até que idade, mais ou menos?

Carlos: Eu acredito que, o tempo que a gente morou naquela casa, eu não lembro, não. Eu lembro que a gente morou lá, há não sei quanto tempo, porque eu era muito criança. Deve ter uns cinco anos, mais ou menos, por aí. Mas eu sei que quando eu tinha seis anos, a gente mudou

dessa casa. Nós mudamos lá para Curuçã Nova, já para uma casa própria. Essa casa era de aluguel. Aí meu pai, ele comprou esse terreno e fez uma outra casa, lá no bairro da Curuçã Nova. E aí nós fomos morar lá. Aí eu já completei seis anos. A partir daí eu já tive mais lembranças. Já tinha de seis anos para cima, já tive mais lembranças. Dessa outra casa que a gente morou, eu não tenho muitas lembranças, porque acho que eu tinha cinco anos de idade, por aí. Era muito pequeno mesmo. Tenho várias lembranças.

Jaqueline: E aí essa nova casa, que é a casa de vocês, que era a casa de comprar, construída pelo seu pai, foi que você morou mais tempo também?

Carlos: Sim, sim, sim, sim, eu acredito que mais alguns anos, não sei quantos anos, exatamente, mas foi da onde eu tenho mais lembranças, a partir dali eu já tenho mais lembranças de crescendo, então eu já tenho mais lembranças, de seis anos para cá eu tenho mais memórias.

Jaqueline: Como que era sua relação com seu pai? Você tem memórias com seu pai?

Carlos: A relação, como eu era, meu pai morou com a gente quando eu tinha seis anos de idade, minha mãe e meu pai se separaram. Seus anos eu lembro que, então eu fiquei, eu acredito que morei ali com meu pai e com minha mãe, que eu lembro, seis anos de idade, ou seis anos, houve a separação, e da de lá pra cá, então eu não cresci com meu pai. Mas eu lembro que a gente morou naquela casa ali um ano mais ou menos. Então são poucas lembranças, né, porque ele trabalhava muito, então não tenho muitas lembranças mesmo de vivência com meu pai. Porque dos cinco anos eu não tenho memória, e dos seis as memórias que eu tenho são vagas também, porque ele trabalhava muito, então não tenho assim muita vivência com a parte do pai. Nós somos praticamente criados pela mãe mesmo, pela nossa mãe mesmo, que criou a gente.

Jaqueline: Você lembra qual era a profissão do seu pai?

Carlos: Meu pai é mestre de obras.

Jaqueline: Ele mesmo construiu, ele mesmo.

Carlos Sim, sim, meu pai é construtor, mestre de obras, então essa foi a profissão dele, foi de mestre de obras.

Jaqueline: E você lembra como era essa relação com a sua mãe? Tem memórias bacanas com ela?

Carlos: Assim, né? Mãe, né? Mãe, a gente sempre tem, né? Memórias marcantes, sim. Minha mãe, ela cuidou da gente. Minha mãe, a partir daí da separação, ela teve que trabalhar. E trabalhando de doméstica, né? No caso de família, foi uma vida difícil. E aí ela criou os oito filhos desse trabalho. Trabalhando de doméstica, então, não foi fácil, não. Não foi uma infância fácil, não, né? Mas minha mãe foi valente, foi guerreira e não abandonou nenhum filho. E cuidou de todos. E todos hoje são adultos, né? E somos adultos hoje. E ela segurou. Segurou a onda. Minha mãe criou a justão. São lembranças boas, né? De realmente uma vida difícil. Uma infância difícil. Pelo menos na questão, assim, financeira, né? Material. Foi uma vida difícil, mas também de muita luta, também. Ela lutou e ela não abandonou, não desfez nenhum filho. Ela criou todos. Então, isso é... São lembranças boas, né? Eu tenho como uma lembrança boa, por causa que... Boas memórias, por causa que... Não é fácil, né? Uma mãe, assim, cuidar de oito filhos sozinha. Trabalhando de doméstica, né? Então, ela foi guerreira. Foi guerreira. Então, são lembranças boas, assim. Eu tenho como lembranças boas. Sim. Muita coisa boa mesmo, né? Então, é...

Jaqueline: Você disse que teve mais sete irmãos, né? São oito filhos ou teve sete irmãos?

Carlos: Somos em oito filhos, cinco homens e três mulheres. Eu sou o mais novo dos homens. Eu sou mais novo. E tem a minha irmã Gisele que é a mais nova das mulheres. Então o senhor é quase caçula. Isso, é o caçula dos homens. E ela é a caçula de todos. Dos homens e das mulheres. A Gisele que é a mais nova. E eu sou o caçula dos homens.

Jaqueline: Como que foi a sua infância, sendo caçula dos homens, sendo todos mais velhos, você tem memórias da sua infância?

Carlos: A memória da minha infância, eu tenho que a gente se divertiu bastante, embora tinha dificuldade financeira, dificuldade das coisas, né? Não tinha um sapato bom pra calçar, às vezes não tinha nem um chinelo, muitas vezes andava descalço, né? Mas a gente se divertia bastante, se divertia, não tinha como comprar brinquedos, a gente inventava brinquedos, né? E tinha muita brincadeira também, assim, na minha infância, brincadeira física, né? De pular corda, amarelinha, essas coisas, né? Então, eu tive, assim, eu brinquei de tudo, pião, bolinha, pipa, essas coisas, né? Então, embora não foi uma infância, assim, lá muito financeiramente muito próspera, foi uma infância pobre, mas, assim, a gente arrumou um jeito, nós arrumamos um jeito de se divertir, não somente eu, como meus amigos, que é uma pessoa simples também, de famílias pobres também, mas a gente se juntava, a garotada, e arrumava uma maneira de se divertir, né? Ia pescar, ia catar passarinho, comer fruta no meio do mato, fruta do cerrado, maia pretinha, essas coisas. Então, a gente, embora não tinha nada, muitas coisas assim, né? Mas a gente tinha o mato pra gente pescar peixe, e era a nossa diversão. Então, foi uma infância feliz, embora não tinha quase que nada, não somente eu, né? Mas muitos amigos meus também vieram de origem muito humilde, muito simples, mas a gente se divertiu muito. Foi uma infância feliz, apesar de não termos, assim, muitos recursos, né? De ordem financeira, mas nós

fomos felizes na nossa maneira de viver. E isso por um bom tempo, por um bom tempo mesmo. Aí, depois chegou a época que tive que começar a trabalhar cedo, né? Devido à dificuldade em casa, comecei a ajudar meu pai já na obra, já com oito anos de idade, já que eu já fazia alguma coisa já, já comecei com oito anos já, e ajudava a fazer alguma coisinha, né? No serviço pra ajudar em casa.

Jaqueline: Com seu pai, então, foi seu primeiro trabalho?

Carlos: Isso, isso, de obra e fui para a feira também trabalhar com o meu irmão, o Júlio mais velho, abaixo do mais velho, né? Aí ele começou a me levar para a feira já com oito anos de idade e eu já trabalhar com ele na feira, nos domingos, sábados e domingos e na semana ajudar o meu pai, o meu irmão mais velho também, o Leonel, na construção civil na obra. Um pouco, o que eu podia fazer, a gente ia trabalhar, mas sem abrir mão do divertimento também. Sempre que dava, estava se divertindo também e me diverti bastante mesmo. Me diverti bastante mesmo. Foi uma infância difícil, mas também bem divertida.

Jaqueline: Souberam aproveitar mesmo!

Carlos: Sim, sim, nós aproveitamos o máximo e foi muito bom.

Jaqueline: O senhor comentou que começou a trabalhar com oito anos, seu irmão também trabalhava na feira e tudo mais. Como era essa relação assim do senhor e seus irmãos com a escola? O senhor conseguiu frequentar a escola?

Carlos: Meus irmãos frequentaram a escola, logo cedo. Eu não, eu devido a separação do meu pai com a minha mãe, então, do meu irmão mais velho que eu, o Kleber, eu e a minha irmã mais nova, a gente não, nós não tivemos muito acesso à escola, não tivemos acesso nenhum à escola, à escolaridade, nós não fomos frequentar a escola.

Jaqueline: E você sabe porquê?

Carlos: Sim, o motivo, a razão foi porque na época, eu não sei se a minha mãe sabia, né, que não sei se naquela época também tinha o, ou se ela não tinha o conhecimento de que poderia tirar o registro de nascimento, a certidão de nascimento, de graça, né, com atestado de pobreza, assinando, não sei se minha mãe tinha essa informação, ou se naquela época não tinha ainda esse recurso, mas então, devido a isso, minha mãe não tirou a nossa certidão de nascimento, que é o registro de nascimento, do meu irmão Kléber, meu e da minha irmã Gisele, então nós, que

eram os mais novos, que fomos os mais novos, que não tínhamos a cobertura do nosso pai, nós não tivemos acesso ao estudo na infância, tivemos decorrência a esse de começar a trabalhar cedo, então não tivemos assim acesso ao estudo, e quando viemos ter acesso ao estudo, já estavam envolvidos pescoço com trabalho, então não tínhamos condições mentais, condições mesmo de parar de trabalhar e estudar, ou de fazer as duas coisas, então pra gente não deu, então por esse motivo nós não estudamos.

Jaqueline: O senhor se lembra de ter algum sonho como criança, assim, de ah, eu quero ser isso quando eu crescer, eu quero ser tal coisa?

Carlos: No meu caso, o meu sonho sempre foi ser atleta, atleta profissional, jogador de futebol. E comecei cedo também a descobrir esse talento. E as pessoas me falavam que eu tinha um talento para o esporte. Meus amigos me falaram e comecei a acreditar nisso. Comecei a acreditar que tantas pessoas falaram que eu tinha um talento, que eu tinha um dom. E aí, aos 15 anos, eu comecei a investir nisso. Comecei a investir nisso.

Jaqueline: E o senhor percebeu que sabia, que gostava de futebol, em que momento, assim, na sua vida?

Carlos: Brincando mesmo, no divertimento, na diversão com os colegas, né?

Jaqueline: Brincando na rua?

Carlos: Isso. E aí eu, as pessoas começaram a falar pra mim né que eu era bom naquilo que eu fazia, que eu poderia até ser profissional. Até então eu não sabia, na época eu não entendi o que era ser profissional, né? Como ser um profissional? Pra mim aquilo era uma diversão. Nunca pensei no esporte como profissão. A gente fazia porque era uma diversão, juntava todos os coleguinhas ali e a gente se divertia. Aí os colegas falavam, você é bom, rapaz, você pode até ser um profissional, né? Foram colocando, inculcando isso na minha cabeça, né? Que eu era muito bom de bola e que eu poderia ser um profissional. Então na época tinha muito Pelé, né? Na época do Pelé, rapaz, você joga igual o Pelé e tal. Aí começavam a colocar os amigos, cada um colocava um apelido em mim, né? Um era Pelé, o outro era Paulo Isidoro. Cada bairro que eu ia morar, uma pessoa me chamava de alguma coisa, de um Ataliba. Então todo jogador de futebol famoso, negro que tinha, eu pegava o apelido dessas pessoas, né? Cada bairro que eu ia morar, eu era um jogador do momento que estava fazendo. Quando pequenino era o Pelézinho. Aí o Pelé encerrou a carreira e veio o Paulo Isidoro, a Ataliba, o Vladimir e assim por diante. E assim as pessoas começaram a inculcar isso na minha cabeça. Tanto é que aí eu fui trabalhando, trabalhando na feira, até ir na obra também, até os 15 anos. Aí quando chegou nos 15 anos de idade, aí eu fui fazer uma peneira num time de futebol chamado Goodyear. Pneus Goodyear, lá na Vila Maria. E ali foi o meu primeiro clube, assim, foi o pontapé inicial para o início de uma

carreira como jogador de futebol. E joguei na Goodyear, jogando futebol na Goodyear, agora já seguindo carreira, né, mesmo. E fomos campeão, fomos campeão na Godia, fui campeão, fui artilheiro do campeonato da Goodyear. E depois de um ano da Goodyear eu fui jogando Nacional Atlético Clube, ao lado do São Paulo Futebol Clube, ali na Barra Funda, ao lado do Palmeiras também. E ali também joguei um ano lá também, fui campeão juvenil ali também, no Nacional Atlético Clube. E aí eu comecei uma breve carreira já como jogador juvenil, amador de futebol. Aí depois fui jogar no União de Mogi das Cruzes também, fui vice-campeão lá, só perdemos na final. E aí aconteceu que quando chegamos no União de Mogi das Cruzes eu parei com a carreira de futebol. Encerrei a carreira de futebol e dali eu encerrei a minha carreira e não joguei mais futebol.

Jaqueline: E o que fez o senhor encerrar a carreira e como que foi para o senhor esse momento de decisão?

Carlos: Não, é que a carreira foi devido a eu comecei a frequentar uma igreja evangélica, a Assembleia de Deus, e a partir dali eu parei com a minha carreira de futebol, devido a isso. Devido a isso, aí eu encerrei com a minha carreira de futebol. Já quando eu estava como semiprofissional, já ingressar profissionalmente. Era o meu último ano de amador, que ia assinar carteira como profissional. Aí ali eu parei com o futebol, parei de tudo mesmo, e não dei mais seguimento à minha carreira profissional de jogador de futebol. Aí se encerrou ali a minha carreira de jogador de futebol.

Jaqueline: Depois disso, o senhor continuou trabalhando com a construção civil e tudo mais? Ou teve outros trabalhos também?

Carlos: Depois disso, aí o que que acontece? Como eu já... aí eu tive que organizar a minha cabeça. Porque até então eu estava focado em ser a vida profissional e não pensava em outra coisa, hein? Não pensava em... não tinha um viés profissional da minha vida, assim. Não tinha um planejamento, né? Eu queria ser jogador de futebol, ponto. Então, não tinha nenhum planejamento. Então, quando eu parei com o futebol, aí a gente pegava o que aparecia, né? Tinha que sobreviver. E chegou a idade adulta. Aí o que que acontece? A gente volta pra feira, né? Volta pra feira e depois volta pra profissão da família, né? O negócio da família, que é da área mais de construção civil, basicamente, que é a qual eu estou até hoje, né? O negócio da família me salvou, né? O que eu aprendi na infância. E a gente vem sobrevivendo disto, disto. Já que a carreira do futebol encerrou, né?

Jaqueline: Eu me lembro que na minha infância, acho que eu tinha uns seis anos, não lembro exatamente, cinco, seis anos, o senhor começou a fazer serigrafia e eu me lembro de muitos momentos na minha infância que o senhor trabalhou várias vezes disso, assim, me conta um pouco mais de como o senhor descobriu a serigrafia que a gente ensinou, como que surgiu isso, assim?

Carlos: A serigrafia, nessas minhas andanças se virando como pode, se virando nos 30, se virando nos 70, eu conheci um pastor chamado Pastor Vilmar, pastor Vilmar, pretinho, que nem eu assim, e aí nós nos conhecemos na igreja, aí ele me convidou para ir vender, trabalhar como vendedor de calendário, calendário de parede, folhinhas, calendário, ele trabalhava com isso, ele produzia isso no quintal da casa dele, e aí ele me chamou para vender, como ele precisava de alguém para vender, ele fazia, então para escoar esse material precisava de vendedores, ele fazia e vendia, e aí ele me convidou para trabalhar com ele de vendedor desses materiais serigráficos, aí eu fui, peguei a pastinha e comecei a trabalhar, ele viu que eu desenrolei bem como vendedor, que eu desenrolava bem, e aí começou, e aí trazia os pedidos para ele fazer, e às vezes chegava muito pedido, e aí ele não dava conta de fazer sozinho, eu tinha que ajudar ele a fazer, aí nessa de ajudar ele a fazer, eu fui aprendendo, fui pegando, tanto ver ele fazer, eu fui pegando o jeito, pegando o jeito, e aí eu também comecei a fazer também, produzir também, começou assim, de uma maneira muito simples, muito natural mesmo, vendo ele fazer.

Jaqueline: Eu lembro que o senhor também usava alguns equipamentos manuais, né? Eu lembro que a mesa de luz, o senhor que montou a sua própria mesa de luz.

Carlos: Esse pastor também tinha as próprias coisas dele que ele fez manualmente. Também, também. Tanto que eu peguei a visão dele, a caixa da caixa dele de luz, ele que fez também. Era manual, ele encerrou umas tábuas lá e fez a caixa de luz, colocou um papel alumínio, tudo ali. E ali ele fez umas conexões de fios 110w, para acender o refletor, que é a lâmpada. E ali eu peguei o projeto dele mesmo, a minha era manual e eu peguei o modelo dele mesmo, manual também que ele mesmo criou. E moro naquela época, já tinha as caixas profissionais, só que é caro, né? Então a gente não tinha condições financeiras para comprar uma caixa realmente já pronta, então a gente fabricou a nossa própria caixa mesmo, né? Nossa mesa de gravar, que se chamava de mesa de gravar, mesa de gravação, não é? E ali eu aprendi o lugar onde comprava as lâmpadas, as coisas, tudo assim, eu mesmo fabriquei essa caixa, né? Essa mesa de gravar e também comprei as garras também, né? E fiz também a minha mesinha para estampar também, minha própria estamperia manual. Eu mesmo que fiz, mas copiando dele, né? Porque a dele também era assim de madeira também, a base era de madeira, muito simples. E ali eu aprendi a fazer manualmente isso. E foi muito importante, muito bom mesmo, porque aí eu comecei também a fazer e a vender, a fabricar e a vender. Aprendi com ele, esse caminho, e depois quando chegou o tempo, eu mesmo comecei a fabricar em casa também, como ele fazia. Então começou assim, né? Começou por um acaso mesmo, eu comecei a gostar da coisa e foi embora enquanto durou, foi um tempo bom.

Jaqueline: Como o senhor se sentia fazendo assim? Porque eu lembro que o senhor é muito bom, tipo, ficava muito bem feito os calendários e o senhor se sentia bem assim, fazendo aquilo que o senhor tem habilidade e tal, como que era esse sentimento assim na produção?

Carlos: Sim, no começo não foi fácil, no começo eu fazia os borrão, nos meus primeiros trabalhos não ficou lá muito bonito não, mas eu insisti, como a prática ela traz a perfeição, então a perfeição chegou com a prática, aí fui descobrindo materiais melhores, até então no começo eu não sabia que tinha dois tipos de tintas, tinha a tinta fosca e a brilhante, aí no começo, como eu não sabia, eu comprava tinta fosca, então o meu calendário ficava mais ou menos, ficava meio fosco ali, junto com alguns borrões, ficava meio, não ficava muito bonito não, mas aí fui descobrindo, a gente vai aprimorando, como todo trabalho assim, toda profissão, aí descobri as tintas melhores e fazendo, comecei a firmar mais minha mão, comecei a fazer melhor, o trabalho começou a melhorar, aí começou, aí na prática eu fui atingindo a perfeição, aí eu fui atingindo a perfeição, mas ficou com a prática e com o tempo também, foi do dia pra noite, fazendo o mesmo serviço, aí eu fui pegando os meandros, os caminhos, desenvolvendo maneiras melhores de fazer, de se produzir o calendário, então eu não fiquei bom do dia pra noite, foi realmente persistência mesmo.

Jaqueline: E você lembra o porquê que o senhor parou de traduzir? O quê que aconteceu?

Carlos: Eu parei de produzir devido a... as vendas começaram a diminuir com o advento do celular, né, das... Então, o calendário é uma coisa que nos anos passados vendeu muito. Porque naquelas épocas não tinha tecnologia que se tem hoje, não é verdade? As pessoas não tinham muito acesso à tecnologia, não é verdade? Nem todo mundo tinha um relógio de pulso na época. Aí chegou o relógio de pulso, as pessoas começaram a ter calendários nos relógios, e começou assim, começou a chegar os celulares, e as pessoas começaram a comprar cada vez menos. Os comércios começaram a comprar cada vez menos também. Então foi forçando os vendedores a ir parando, né? Então as gráficas começaram a fechar, começaram a fechar e mudaram a profissão, né? Então hoje tem muito pouca gráfica, assim, que produz calendário, muito pouca... E muitos poucos vendedores. Então a coisa foi... foi parando devido a uma coisa chamada celular. Foi mais uma profissão, mais uma... mais uma profissão que o celular matou, né? Então foi com o advento do celular mesmo. Forçou a gente a ter que parar, porque se fosse um negócio bom, estaria nele até hoje, né? Se fosse mais rentável, mas já não estava sendo tão rentável assim, não. Então esse foi o motivo da gente ter parado com a serigrafia.

Jaqueline: O senhor estava comentando, né, sobre a escolaridade que o senhor não conseguiu ter e tudo mais. Isso, o fato de não ter escolaridade e tudo mais, já te atrapalhou em conseguir um emprego ou alguma coisa assim? Apesar do senhor ter conhecimentos, por exemplo, ter um conhecimento na área civil, também na serigrafia e com tantas outras coisas, o senhor já enfrentou a dificuldade de entrar numa empresa ou alguma coisa do tipo justamente por não ter no papel declarado esse conhecimento?

Carlos: Eu sempre procurei trabalhar nas áreas onde é de minha aptidão, né? Então, eu já sabendo que aqui é o meu ramo de trabalho, então, eu nem tentava procurar em outros lugares. Geralmente era feira mesmo, né? Foram muitos anos na feira, que não exige estudo, só saber fazer troco, dar o troco certinho. Isso eu sabia muito bem, desde pequeno, então, sempre fui

muito bom em comprar e vender. Então, a gente aprende a dar o troco, né? Dar o troco corretamente. Então, e na construção civil não exige isso também, né? Na construção civil exige um pouquinho só de matemática. Isso aí é base de matemática. A gente tem autodidata, né? Então, a gente aprende na marra, né? Como fazer uma continha de um mais um é dois. Então, a gente vai aprendendo a sobreviver disso aí. Então, eu não tive problemas quanto a isso, por causa que as profissões que eu escolhi não exigem isso, né? De muita leitura. Então, eu não tive problemas devido a isso, porque eu já nem procurava em outros ramos, né? Tentei arrumar em oficinas de metalúrgicas, né? Eu queria ser metalúrgico, aprender, mas nunca tive a oportunidade de entrar no ramo de metalúrgica. Eu gostaria de ter entrado no ramo de metalúrgica, mas nunca tive essa oportunidade. Eu tentei, mas não tive essa oportunidade. Não deu. Então, é... Mas, assim, não tive problemas, não, devido a isso. Eu nunca procurei em outras fontes. Sempre, basicamente, mesmo vendas autônomas e feira livre e construção civil, obra. Então, isso não me impediu, assim, não me trouxe grandes problemas, não. Mas, assim, não tive problemas.

Jaqueline: O senhor comentou também que o senhor é muito bom em contas básicas, né? E eu te conheço, eu sei que você também lê muito bem, escreve bem. E eu queria saber em que momento e como que o senhor aprendeu a ler e escrever.

Carlos: Bom, eu sou autodidata, eu aprendi a ler e escrever devido às dificuldades que eu tinha, né, de poder sair, pegar um ônibus e sempre dependendo dos outros, né, e é humilhante isso, né. Aí eu, como não tinha acesso à escola eu pegava cartilha que eu achava no meio da rua,

antigamente era cartilha escolar, não sei se ainda tem hoje, aquela cartilha que tinha o ABCD, o abecedário, né? E aí eu pegava ali aquela cartilha e trazia pra mim, aquelas cartilhas que eu achava no chão na rua, e em casa eu ficava lendo, e foi ali que eu aprendi a juntar as palavras. A, B, A com B, da B, C, A, B, C, D, E. Aí eu fui juntando as palavras e fui, assim com a cartilha, juntando as palavras e formando as palavras. lendo, né? E depois eu comecei a escrever também, assinando o meu nome, comecei com o meu nome, né? Porque eu via que as pessoas iam assinar as coisas assim e passavam vergonha, né? Porque por não saber assinar, se colocar o dedo ali, fazer o borrão, né? Da digital, aquilo pra mim é humilhante também. Então eu não queria ficar a minha vida inteira vivendo assim, né? Sem saber se quer assinar o meu nome. Aí eu comecei a treinar a assinar o meu nome. Comecei assinando o meu nome, a primeira coisa que eu aprendi foi escrever o meu nome. Assinar o meu nome. E ali eu fui praticando, praticando, praticando, praticando e lendo a cartilha e depois eu comecei a ler jornais também. Pegava os jornais velhos, aí eu ficava lendo os jornais, insistindo em ler jornais. Queria ler tudo, queria ler tudo. Ler ônibus, placa de ônibus e jornais e fui lendo, fui lendo e escrevendo, lendo e escrevendo, lendo e escrevendo. Comecei com letra de forma. Aí depois eu comecei a treinar. Eu comecei a treinar a letra de mão, a letra corrida, que é uma dificuldade pra mim. Inclusive até hoje ainda é, né? Ainda quando eu vou assinar eu fico naquela, entre letra de forma e letra de mão. E tem que me educar muito, bastante, pra não escrever em letra de forma, por causa que eu aprendi assim, né? Então até hoje ainda tem uma luta com essa questão da letra de forma e letra de mão. Tem hora que não é fazer letra de forma, tem hora que é pra escrever de mão. Então, mas quanto a isso aí a gente vai levando, dá pra levar bem. Eu sou autodidata, eu aprendi mesmo na raça e na força de vontade, fazer contas, a mesma coisa. Sou um raso em contas, mas

dá pra me virar. Já que eu não fui na escola, tive que aprender sozinho, né? Fazer algumas, né? Algumas continhas básicas. Tive que aprender também tudo sozinho também. E ler, e escrever, e fazer contas. Sou autodidata, então eu nunca frequentei uma sala de aula assim.

Jaqueline: Tem alguma outra coisa que o senhor também aprendeu sozinho, assim, autodidata? A gente já comentou aqui sobre o ler, escrever, contar, e também sobre a serigrafia, e seu trabalho também na construção civil também foi autodidata, né?

Carlos: Sim, sim, até hoje tá aprendendo. Até hoje eu estou aprendendo isso, pinturas, pintor de casa, eu faço pintura, então aprendi a pintar, com autodidata também aprendi textura, grafiato, essas coisas também no esforço de fazer também. E vendo alguém fazer e perguntando e ir lá aplicando e fazer, a gente arranha um pouquinho também nessa questão também de pintura, de textura e essas coisas assim também. Então até hoje eu estou aprendendo na área da construção civil, até hoje eu aprendo. Então é mais a necessidade mesmo, foi a questão da necessidade de sobrevivência, então a gente vai. A gente vai levando e sempre aprendendo. Estou aprendendo coisas até hoje ainda na área da construção.

Jaqueline: E me conta um pouco sobre com o que o senhor trabalha hoje, o que o senhor espera para o futuro, se tem alguma coisa na sua profissão que o senhor está procurando se aperfeiçoar ou alcançar, se tem algum sonho futuro, como que é hoje?

Carlos: É, eu quero aprender mais porque eu quero ser mestre de obra ainda, né? Eu tenho um sonho de ser mestre. Tem muita coisa para aprender ainda, que na área de gestão eu ainda não sei, na área de elétrica eu ainda não sei, então, para chegar a semestre de obra eu vou ter que aprender um pouco de todas essas coisas, né? Para poder chegar ao mestrado. Então, é uma caminhada longa, mas o meu objetivo é ser mestre de obra também, Mas eu sei que não é fácil, não é fácil, chegar ao mestrado não é fácil, tem que aprender muitas coisas ainda, muitas coisas para chegar a semestre. Mas é basicamente isso, sim, o sonho é chegar ao mestrado, sim. Então, eu estou aprendendo ainda, fazendo cursos e mais cursos dentro da área da construção civil também.

Jaqueline: Agora eu queria falar um pouco sobre a nossa relação também, tanto com esse espaço, quanto a nossa relação comigo. O senhor sabe, eu estudo artes hoje e tem muita coisa que eu encontro na faculdade que me lembra muito sobre a minha trajetória, assim, na família, né? Por exemplo, esse semestre eu tô fazendo aula de serigrafia e aí já me lembra tudo que eu vivi. Que é muito legal que eu cresci com o cheiro da tinta, eu cresci vendo como que o senhor fazia o trabalho, eu gosto muito disso. Tem muitas coisas, assim, da minha realidade hoje, como artista, que eu só tenho por conta da nossa vivência como família. Inclusive esse espaço em que a gente tá agora, que é um ateliê coletivo, que os artistas são autodidatas também. Era a casa que a gente morava, né? Então, gostaria que o senhor falasse um pouco disso, assim, dessa relação da nossa história com tudo que eu me transformei também, com, enfim, tudo isso.

Carlos: É, bom, né? Então, você vê como é que a coisa, ela se projeta. Meus pais, aprendi com meus pais também, né? A minha profissão, muito do que eu faço hoje é da família, é um negócio da família, né? E aprendi com meu pai, e estou sobrevivendo disso até hoje. Acho que a história é a mesma, né? Só se repete. Você pegou, né? E a gente nem imaginava que você fosse. Chegaram a trabalhar com isso A gente imaginava que eles fossem fazer outras coisas Devido aos estudos Eu não tinha oportunidade de estudar. Mas vocês estudaram Então a gente esperava que vocês Fosse seguir outro segmento não essa área de serigrafia, coisas assim do tipo Mas é um orgulho E para mim também tem muitas lembranças boas, e é bom saber que deixou um legado, que deixou um legado, e é uma arte, artes gráficas. artes gráficas artes serigráficas, então é é muito bom né gente passa um filme na nossa cabeça realmente, assim né, de de muitas coisas aqui muitos serviços foram feitos né aqui e agora continua aí né serviço continua agora com vocês aí com você especificamente e continua dando um segmento a esse a arte né a arte serigráfica né e é muito um trabalho muito bonito muito bom então é muito gratificante é muito gratificante é e agora vocês vão poder ter a oportunidade de fazer melhor né melhora porque hoje tem mais maquinário mas enfim os recursos hoje são mais avançados do que na minha época na verdade então espera-se que vocês dão um passo mais mas é mais gigante um passo um passo maior e um trabalho melhor até do que eu fiz eu acredito que vocês vão, vão voar eu acredito e espero isso espero isso e que seja assim vocês vão em alta e vão longe também nesse nessa arte né na verdade é muito bonito muito bom